

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 2000 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros... 2200 * Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 12000 * Numero avulso..... 2040 *	N.º 57	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assinatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

AS MANIFESTAÇÕES DE 1 DE MAIO

Já aqui em successivos artigos sobre os principios que originaram estas manifestações¹, artigos que — ai de nós — passaram despercebidos, consequencia por certo da nossa insignificancia jornalistica e litteraria, tentámos mostrar quanto esta questão é palpitante e seria, e vulgarisámos as theorias e conclusões de algumas obras que nem todos têm a paciencia de ler, e que assim, servidas em pequenas doses, não seriam quiçá tão indigestas...

Infelizmente parece que as peiorámos, cozinhando-as, e ainda d'esta vez não temos direito á gloria...

Como quer que seja, o que desejámos evidenciar é que de ha muito tempo, quasi desde que maneijámos uma penna, vimos communicando a esses generosos amigos ignorados com quem um homem de letras imagina sempre conversar, o que pensamos ácerca de uma questão que tanto sangue já tem feito e fará derramar ainda, e ácerca da qual tantas monographias se hão escripto!

Não reproduziremos, pois, o que já descrevemos; sómente chamaremos a attenção dos que porventura se interessem por esta ordem de estudos, para estes artigos em que pozemos o melhor do nosso esforço e da nossa vontade.

Em consciencia julgámos que é a questão social a unica hoje que verdadeiramente deve merecer as attensões e solicitar a curiosidade de todos os espiritos, para que os nossos filhos, ou o mais tardar os nossos netos, não tenham que assistir um dia a uma conflagração maior que todas as guerras em que até aqui se têm entredespedaçado os homens.

A manifestação de 1 de maio, pelo caracter internacional que assumiu e pela natureza das questões que fez surgir, é já um signal de alarme, e mal de nós todos se a tempo não quizermos ou não soubermos conjurar o perigo.

Quer isto dizer que sejam em absoluto justas e inatacaveis todas as reclamações que vem fazendo o quarto estado que chega? De modo nenhum, mas por cada principio equanime e racional que não for

resolvido, levantar-se-hão depois dez ou vinte, intolereis mas dominadores e absorventes, e então succederá o que quasi sempre succede, ser já tarde não só para lutar mas até para transigrir e para ceder.

Então os inconscientes e os exaltados farão ainda uma vez retroceder de alguns passos a marcha já de si atormentada da civilização e do progresso, e os corações honestos e as consciencias bem intencionadas assistirão de novo a esses tristes, tristissimos colapsos da tolerancia e da justiça, que fazem por momentos descreir da Humanidade, e duvidar da sua ascensão para a concordia e para o amor.

Então novos Cesares improvisados brotarão da terra ensopada em sangue e em lagrimas, e de novo a Força escoltará o Direito — quaesquer que a final tenham sido os triumphadores ephemeros...

Será isto fatalmente e irremediavelmente necessario, e Vico, e a theoría dos *riscorsi* terão a final rasão contra as doutrinas pacificadoras do evolucionismo philosophico?

Talvez; mas quer-nos parecer que é tempo ainda de desarmar a tempestade que paira nos ares, desde que de um lado e do outro entrem como elementos concordantes a lealdade e a justiça.

É irreductivel a questão? E-o evidentemente em muitos pontos; mas desde que isso se prove com uma inteira, com uma sincera boa fé, desde que onde não logre ir a equidade vá pelo menos a protecção e a sympathia, desde que o que a sciencia não possa ou não saiba fazer, o faça generosamente a consciencia, não percebemos como não consiga chegar-se a uma conclusão harmonica.

Creiam-n'o todos os que n'este momento doloroso da Historia se interessam pelos aspectos d'esta questão complexa, — será enxugando o maior numero possible de lagrimas que se conseguirá derramar a menor porção inevitavel de sangue, e a Bondade humana tem ainda milhões de luminosos versiculos para ensinar ás almas, mostrando-lhes como se desmancham revoluções e se anteparam catastrophes.

Faz-se já muito, é ainda preciso que se faça muitissimo, e se estado e individuos quizerem, afigurem-nos que se obterá mais até que o que se presume.

O essencial é combater todos os exclusivismos, partam de onde partirem, e ter a nobre coragem de arcar com as intransigencias e até com as tyrannias dos vencedores de amanhã, para que elles não des-

¹ Veji., no volume 2.º, a serie de artigos que publicámos sob o titulo *Questões sociaes*.

honrem a victoria, e não transformem em vingança a sua justiça.

Precisamente porque são o numero e representam a força, convem mostrar-lhes que devem também ser a solidariedade e a ordem.

Sobretudo o que não devemos esquecer é que não são apenas operarios—no sentido que habitualmente toma o significado—os sedentos de justiça, mas os pequenos industriaes, os simples trabalhadores, as mulheres, as creanças, os fracos, todos os que n'este mundo têm de sustentar a lucta de cada hora contra a plutocracia triumphante.

Esta é quanto a nós a philosophia a extrahir da manifestação de 1 de maio.

A fixação do dia normal de trabalho, que precisa ser uma medida internacional, e a criação de principios de direito que prohibam a exploração do proletariado, operario ou não operario, por aquelles que o utilisam, eis as duas medidas de caracter generico que, combinando-se e completando-se com a adopção de varias outras de natureza especial, poderão harmonisar todos os interesses, mesmo aquelles que tão antagonicos se apresentam, integrando-se n'um interesse geral e superior—o bem estar social.

Se todos comprehenderem a profunda transformação benefica que taes medidas podem operar no modo de ser economico, das aggremações humanas, os elementos anarchicos e dissolventes serão naturalmente eliminados, pelo simples funcionamento d'essas novas forças, e os que por uma forma de resistencia qualquer tentarem converter-se em causas perturbadoras poderão e deverão considerar-se casos de teratologia moral, exemplares pathologicos sem rasão de ser, que a hygiene social terá de supprimir como contagiosos ou de sequestrar como inconvenientes...

Eis uma das faces da questão. Quanto aos que se assustam com as modificações economicas que a implantação d'este novo systema evidentemente determina, esses não vêem ou, o que é peor, não querem ver que se o conjunto de alvitres suggerido for sancionado por todos os paizes e constituir as regras de um novo direito internacional, mais invulneravel que o que ainda hoje aparentemente vigora, estará simplificado o problema tão complexo das relações do capital com o trabalho e o das leis da oferta e da procura, e deixará de haver esse excedente de produção que tanto complica e emmaranha as nações de forte industria ou de largo commercio.

Não contestaremos que haja impugnadores a esta solução proposta, e que alguns d'elles não tenham argumentos valiosos para a pulverisarem, mas se quiserem reflectir um momento concluirão que mais vale atalhar com tempo uma hecatombe imminente, tendo para isso até a facultade de corrigir os discolos de qualquer procedencia, que intentem anarchisar o mundo, do que soffrer a contingencia de um desastre que pôde subverter a um tempo vencidos e vencedores.

O egoismo social não tem limites, só a entidade estado, disciplinada nas suas diversas formas, poderá contel-o efficaçamente; que este se torne, portanto, ampla e scientificamente socialista, e que neutralise com acerto a acção das encontradas correntes que

atravessam e convulsionam o mundo, eis qual tem de ser a sua tarefa.

Nós vamos mais longe, mesmo; entendemos que entre os dois termos d'esta equação: o individuo absorvendo o estado, ou o estado absorvendo o individuo, se pôde haver preferencias será pelo primeiro, admittidos sem duvida uns certos coefficients de correção, porque a resultante não deixará de ser humanitaria e conciliadora, pois tende a beneficiar o maior numero, sem ao mesmo tempo se deixar absorver por elle.

Esperar do mero e indifferente exercicio das leis naturaes o desejado e indispensavel equilibrio é querer sacrificar quasi conscientemente, e de coração leve, os destinos de uma parte, a maior, da humanidade, e não ter em attenção como é morosa e intermittente a acção d'essas leis.

Bem sabemos que será por fim o motivo mais forte que ha de triumphar no mundo, e não nos custa mesmo a admitir que esse motivo será também, cada vez mais, um motivo moral, fortalecido pela sciencia, pois essa deve ser, é até no fundo a lei da selecção social; mas preferimos a intervenção do factor poder para a conveniente equiponderação dos instinctos e das paixões individuaes, e por isso advogamos as theorias do socialismo do estado.

* * *

Em Portugal, onde se não ha propriamente uma questão proletaria ha sem contestação um problema economico importante, a acção tutelar official, nas varias engragens em que ella se decompõe: corporações municipaes, poderes politicos, entidades administrativas, etc., pôde fazer immenso, e nós estariamos talvez no caso de demonstrar a alguns povos, bem mais importantes do que nós, que não ha questões absolutamente insolueis, desde que se pôde de parte o impossivel e se procura apenas o realisavel...

Não valerá a pena tental-o?

Por nós, cremos que sim, e são esses os avisos que julgamos ver nas manifestações que acabam de realizar-se em quasi todo o mundo, e que devem servir para nos esclarecer e nos guiar.

AFFONSO VARGAS.

A ESCOLA DE COIMBRA

Uma das leis descobertas para a historia das litteraturas traduz a correspondencia invariavel de transformações sociaes e de renovações litterarias.

A liberdade, definitivamente conquistada ao terminar o seculo xviii, devia pois trazer consigo a quebra irreverente dos velhos preceitos classicos, e, sobretudo na Renascença tinham dominado todo o trabalho do litterato, com a ferrea auctoridade inflexivel de um canon liturgico.

Realisou-se então, nas litteraturas, a appareição do *Romantismo*. O mundo medievico substituiu o mundo antigo na predilecção dos artistas, e, sobretudo na Alemanha, emprehendeu-se um estudo serio com referencia á lingua, á litteratura, ao direito e á re-

ligião da alta Edade media, pelos trabalhos de Jacob e Guilherme Grimm, de Graaf, etc. Goethe escreveu então o *Fausto*, sobre uma novella popular da velha Allemanha. A riqueza de tradições d'este paiz, por um lado; e por outro, as tendencias philosophicas e os habitos de estudo e de trabalho da sua população explicam o facto de ter sido a Allemanha verdadeira patria do Romantismo.

Mas, assim como a transformação politica ficou incompleta pela interferencia de Bonaparte, não foi, igualmente, perfeita, a renovação litteraria, e apenas se realisou na parte material e externa.

As figuras, — quanto aos nomes e ao traço, — eram outras; o scenario, diverso; a linguagem, diferente; mas a concepção que o escriptor tinha da natureza e destinos da Arte, era perfeitamente igual á dos velhos classicos, trabalhando fóra da humanidade e do seu tempo, no recinto inacessivel, claustral, das suas bibliothecas, para um pequenissimo numero de leitores escolhidos, que tambem os receberiam n'uma atmospheria especial, em cuja composição não entravam o oxygenio e o azote da grande vida, agitada, tumultuaria, transformativa, correspondendo, portanto o leitor ao auctor, tão justamente como a roda ao carreto d'uma nora.

Sob o Imperio, «uma immensa duvida, uma profunda descrença enlutou a humanidade. A intelligencia, recalçada da esphera das applicações praticas para a das especulações subjectivas, principiou a interrogar mais particularmente a alma, as paixões, as luctas interiores, as indefinidas aspirações, as grandes maguas mysteriosas, os desalentos, os anhelos, as phases todas do amor, do amor antigo, do amor provençal, do amor dos pagens, dos trovadores e dos menestreis, do amor demievico, que cada um julgava encontrar resguardado no seu coração com as tradições gothicas da velha cavallaria, com as sentimentalidades romanescas e galantes das antigas côrtes de amor. E d'esta evolução saiu com a arte romantica, a musica de Verdi e de Bellini, a poesia parallela de Lamartine e de Musset e os quadros de Ingres e de Leopoldo Robert»¹.

A duvida, a descrença que, sob o regimen do Imperio, começou a dominar a humanidade; a falta de educação pratica, scientifica, desviaram o Romantismo do caminho que deveria ter seguido, e levaram os escriptores ao culto exclusivo da fórma, do estylo, determinando uma reacção.

A litteratura foi, com effeito, por muito tempo, uma simples *prenda*, perfeitamente comparavel á de bordar, — por exemplo. Todo o homem que soubesse combinar elegantemente algumas palavras, — como quem obtem uma pagina d'album pela reunião de varias estampas, — podia ser escriptor. A litteratura, quando isolada do meio social, da sciencia, da philosophia, só pôde effectivamente ser uma combinação de palavras, uma especie de jogo, um entretenimento.

Garrett, com aquelle finissimo espirito que torna verdadeiramente deliciosas as *Viagens na minha terra*, descreve n'esta obra o modo como, na epocha

de que fallámos, se fazia, entre nós, litteratura original:

«Trata-se de um romance, de um drama — cuidas que vamos estudar a historia, a natureza, os monumentos, as pinturas, os sepulcros, os edificios, as memorias da epocha? Não seja pateta, senhor leitor, nem cuide que nós o somos. Desenhar caracteres e situações do *vivo* da natureza, coloril-os das côres verdadeiras da historia... isso é trabalho difficil, longo, delicado, exige um estudo, um talento, e sobretudo um tacto!... Não senhor: a coisa faz-se muito mais facilmente. Eu lhe explico.

«Todo o drama e todo o romance precisa de:

«Uma ou duas damas,

«Um pae,

«Dois ou tres filhos, de dezanove a trinta annos,

«Um criado velho,

«Um monstro encarregado de fazer as maldades,

«Varios tratantes, e algumas pessoas capazes para intermedios.

«Ora bem; vae-se aos figurinos francezes de Damas, de Eug. Sue, de Victor Hugo, e *recorta* a gente, de cada um d'elles, as figuras que precisa, gruda-as sobre uma folha de papel de côr da moda, verde, pardo, azul — como fazem as raparigas inglezas aos seus albums e *scrapbooks*; forma com ellas os grupos e situações que lhe parece; não importa sejam mais ou menos disparatados. Depois vae-se ás chronicas, tiram-se uns poucos de nomes e de palavões velhos; com os nomes chrismam-se os figurões, com as palavras *illuminam-se*... (estylo de pintor pinta-monos). — E aqui está como nós fazemos a nossa litteratura original».

Cumpra exceptuar Julio Diniz, que veiu ás letras muito depois de escripta esta fina e mordente pagina de Garrett, mas quando ella era ainda perfeitamente applicavel, quando tinha a maxima actualidade.

Analysta delicado, soube fugir á tentação da fórma brilhante, vistosa, de effeitos, que preocupava, exclusivamente, os escriptores da sua epocha. Transplantado para o Minho e para o Porto aquelle naturalismo casto e sereno, que tem tento de idealismo, dos romancistas inglezes, Julio Diniz, alem de ser um paizagista muito apreciado pela verdade comovida com que reproduzia as aldeias minhotas, — estudava por vezes algumas figuras com um evidente amor pela realidade, amor que só receiava encontrar-a menos delicada, menos impecavel, menos bella, — menos amavel, emfim.

Recordar n'este ponto o nome do romancista da *Morgadinha*, e das *Pupillas do Senhor Reitor*, é

¹ Ramalho Ortigão, *As Farpas*, nova serie, tom. I (Dezembro de 1875), pag. 26 e 27.

¹ Op. cit., Lisboa, 1846, tom. I, pag. 40-42.

uma homenagem devida, comparavel á que já tributei n' esta revista aos pintores Anunciação e Lupi, ao historiar rapidamente o nosso movimento moderno na pintura. Esses dois artistas são, de facto, os precursores da nova forma d'arte, cujo espirito e cuja technica Silva Porto pôde integralmente comprehender e adquirir, e tão victoriosamente soube transportar para o nosso paiz.

Entre parenthesis, consinta-se-me registrar um facto, que prova concludentemente o que valia Miguel Angelo Lupi, e o que valiam os nossos pintores seus contemporaneos. Em 1867, na exposição de Paris, os artistas portuguezes mereceram ao professor Lübke¹, n'um relatório official, estas palavras:—«Em Portugal domina, na maior parte dos quadros, o processo technico dos *Bilderbogen*. . . » Transcrevo isto d'um livro do sr. Joaquim de Vasconcellos, onde encontro a seguinte explicação do termo *Bilderbogen*:—«*Bilderbogen* corresponde, na hierarchia artistica, á lithographia de Devoção dos *Clerigos*², á estampa colorida dos nossos santinhos da feira de S. Miguel. Os *Bilderbogen*, ou folhas de imagens, fazem as delicias da infancia na Allemanha³». Guilherme Lübke exceptua, porém, os trabalhos de Lupi:—retratos e um quadro historico.

Mas, voltemos á litteratura.

Foi contra essa perversão do Romantismo que, por 1865, reagiu entre nós a denominada *escola de Coimbra*.

A revolta partiu de um grupo de rapazes de merecimento, que se refugiavam contra a aridez esterilizante do regimen academico na leitura de Michelet, de Taine, de Proudhon, de Hegel, de Comte, de Balzac, de Victor Hugo, de Musset,—da historia, da critica, da philosophia, do romance e da poesia do seu tempo.

Nunca houve, propriamente, *escola*,—nem hoje se comprehende o que sejam *escolas* em arte. A actualidade é uma epocha de individualismo. O que todo o artista procura é transmitir-nos a impressão, tal, qual foi criticada no seu espirito, e não, imitar um determinado modelo, guardar uma certa feição caracteristica e distinctiva, que, pela sua persistencia, determine uma *escola*.

O que havia em Coimbra, ha vinte e cinco annos, era um grupo de rapazes de subido merecimento, que entendiam, e muito bem, que o escriptor deve, antes de tudo, adquirir e relacionar idéas, e armar o seu espirito com uma disciplina, com um systema,—e que o trabalho litterario não pôde cingir-se a uma combinação de palavras segundo as velhas receitas

classicas e com o *visto* da litteratura official, consagrada, indiscutivel.

Os escriptores de Lisboa não quizeram ou não souberam ver o que na reacção de Coimbra havia de verdadeiramente grande, productivo e triumphante:—a revolta contra as auctoridades litterarias incriticaveis. Suppozeram que esse facto era um acontecimento isolado, espontaneo, devido á altivez e ao desejo de celebridade de alguns rapazes audaciosos, e não comprehenderam que era apenas o reflexo em Portugal de um movimento transformativo, que desde muito se estava realisando na Europa, e que se estendia á arte, á religião, á politica, a tudo. Imaginaram por isso, que poderiam conjurar a revolta com tres ou quatro ironias mais ou menos finas, com um pouco de estylo mais ou menos caloroso e indignado.

No movimento litterario de Coimbra, havia a comprehensão clara da necessidade inilludivel que o escriptor tem de estudar, e de não se preoccupar exclusivamente com a perfeição da forma; reconhecia-se que a litteratura só pôde existir como agente civilizador, como alguma coisa mais do que uma simples *prenda* ou um mero *entretimento*, quando relacionada com o meio social, com os interesses dominantes, com a sciencia, com a philosophia; comprehendia-se que se tornava necessario discutir as auctoridades consagradas, procurar os fundamentos do seu predomínio; dava-se um exemplo singularmente bom de harmonia entre as convicções e os actos.

Em vez de tudo isto, a litteratura official apenas viu na reacção coimbrana os erros e incoherencias inevitaveis em quem não podia saber tanto quanto suppunha, embora possuísse uma luminosa idéa fundamental, inicial; as imagens imprevisadas, audaciosas, mas talvez por vezes inaccessiveis, a que o intuito demolidor, o desejo de originalidade e a influencia de Byron, de Musset, de Victor Hugo, levavam os novos poetas: o obscuro do estylo, que era a consequencia legitima da falta de uma systematisação perfeita das idéas, adquiridas em leituras rapidas e feitas ao acaso, ácerca da historia, da philosophia, da arte, do direito, e das religiões,—e da ausencia de uma technologia scientifica portugueza.

Foi d'estes defeitos que os de Lisboa fizeram armas contra uma reacção que tinha fatalmente de triumphar, porque era correlativa da profunda metamorphose que se estava operando no organismo social, e que, no fim de contas, era amplamente vivificante, porque era de liberdade, de critica, de discussão.

Os rapazes dissidentes e audaciosos mais ou menos directamente ligados a esse brilhante movimento, que depois se definiu e disciplinou nas conferencias do Casino e em livros como as *Odes Modernas*, *A Visão dos Tempos*, *A Poesia do Direito*, *O crime do Padre Amaro*, *A Theoria do Socialismo*, *A Morte de D. João*, *As Farpas*,—são hoje os nossos mais poderosos escriptores, os nossos mestres:—Theophilo Braga, Anthero de Quental, Junqueiro, Ramalho, Eça de Queiroz, Oliveira Martins.

A posição que occupámos,—nós, os da geração novissima, chamados a succeder áquelles valentes e gloriosos trabalhadores da historia, da sciencia politica, do romance, da poesia e da critica,—é das mais dificeis, das mais exigentes. Estaremos, acaso, á

¹ De Guilherme Lübke, ha um trabalho muito notavel, que pelo seu rigor historico, pela forma atrahente e expressiva da sua redacção, e pelo facto de ter sido traduzido em francez, julgo dever citar, convicto de que os meus leitores que o desconhecem e porventura apprehendam a agradavel e instructiva tarefa de o ler, háo de apreciar esta referencia. Quero fallar do *Ensaio de historia da Arte*. A indicação bibliographica da traducção franceza é a seguinte:—*Essai d'histoire de l'Art*, par Wilhelm Lübke, traduit par C. Ad. Küella, architecte. Paris, 1886 et 1887, 2 vols. in-4^o, ed. J. Rouam.

² O auctor escrevia no Porto.

³ *A reforma do ensino de bellas-artistas*, part. III («Reforma do ensino de desenho»), Porto, 1879, pag. 147, nota.

altura d'ella? Julgo que sim; porque do fundo escuro,—não do escuro grandioso da treva,—constituído pelos simples *fazedores de phrases á moderna*, que por ahí abundam, destacam-se luminosamente alguns espiritos gentilissimos, que no romance, no conto, na poesia, na critica, se revelam encantadoras e completas individualidades, irresistivelmente enamoradas do bem e da verdade.

Sobretudo na chronica, onde fulguram, não raro, na imaginosa renda do estylo,—brilhantes e harmoniosas como as côres de um esmalte, n'uma joia,—as notas caracteristicas,—as tonicãs,—dos homens, dos factos, das obras de arte; e na poesia lyrica, onde o mais delicado, o mais vibratil impressionabilismo se concilia ás vezes com a mais adoravel, a mais tocante sinceridade...

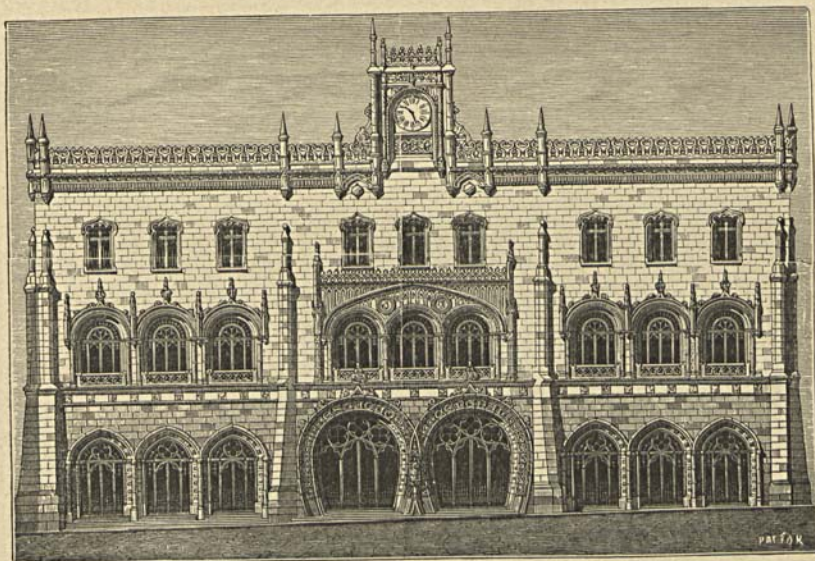
JOSÉ PESSANHA.

ESTAÇÃO CENTRAL DOS CAMINHOS DE FERRO EM LISBOA

Inspirando-se no pensamento de ligar todas as suas extensas e importantissimas linhas, e de approximal-as, quanto possível, do centro de maior movimento, actividade e riqueza da capital, que é incontestavelmente a parte, que denominámos *cidade baixa*, resolveu a companhia real concessionaria fazer construir no largo de Camões, em frente do theatro de D. Maria II, e cêrca da formosa praça de D. Pedro (Rocio) um grande edificio, que, com outros annexos e competentes dependencias, deve constituir a estação central dos caminhos de ferro portuguezes.

E a fachada principal d'aquelle edificio, em proxima conclusão, que a nossa excellente estampa representa fielmente.

Não discutiremos agora se o estylo architectonico adoptado é ou não o mais proprio para o fim que se pretende, nem tão pouco se o local escolhido foi o mais conveniente, e satisfaz ás condições requeridas, ou se poderiam evitar-se as enormes demolições e despendiosas expropriações já feitas, e que terão fatalmente de fazer-se ainda, para desafrontar a nova estação,



tornando o seu accesso e serviço mais commodo e facil. São questões complexas, que devem ser estudadas sob diversos aspectos, e nem temos competencia, nem é este o lugar e occasião opportunos para as tratar como cumpre.

O que, porém, podemos dizer, e n'isso, cremos, todos concordam, é que a nova estação central dos caminhos de ferro portuguezes, recordando a epocha aurea das nossas descobertas e conquistas, é verdadeiramente magnifica, e honra o talento e gosto do esclarecido architecto, o sr. José Luiz Monteiro, que a delineou, bem como a habilidade dos artistas e operarios, que executaram tão grandiosa fabrica.

Tendo soffrido varias modificações, na sua disposição interna, o plano primitivo da estação de que tratámos, e seus annexos, reservámos para mais tarde a sua descripção, que ora, sobre inopportuna, ficaria acaso inexacta ou incompleta.

Com as vias ferreas da companhia real está ligada a estação central por um grande *tunnel*, completamente terminado, por sem duvida uma das mais arrojadas obras, que se tem emprehendido em Portugal.

Este *tunnel*, que, começando a poucos metros da esplendida *gare*, atravessa, a profundidades varias, a cidade até Campolide, passando por baixo da calçada da Gloria, ruas da

Conceição e outras, jardim botânico da Escola Polytechnica, etc., mede 2612 metros de comprimento, 8 metros de largura entre os pés direitos, e 6 metros de altura, todo em alinhamento recto, sendo a abobada de alvenaria de tijolo e os pés direitos, em geral de alvenaria de paramento irregular, excepto nos logares, onde, em virtude de menor consistencia do terreno, foi preciso construir alguns troços de abobada invertida com soleira, sendo n'esses sitios os pés direitos de alvenaria de tijolo. A espessura da abobada é, em geral, de 80 centimetros. A ventilação é estabelecida por dois poços, um com 24, e outro com 61 metros de altura.

Uma commissão de engenheiros, encarregada de examinar as obras da estação central e do *tunnel*, declarou este nas condições de segurança necessarias.

O *tunnel* e a estação devem ser illuminados a luz electrica. Desvancidas as apprehensões do publico acerca da solidez da monumental galeria, e satisfeitos os reparos e recommendações da commissão technica, o governo auctorizou a exploração provisoria da linha ferrea urbana, e respectivas estações, afirmando-se, que a inauguração solemne do serviço respectivo se realisará, com grande pompa, nos primeiros dias do mez de junho proximo.

UM DISCURSO DE JOSÉ ESTEVÃO

(Conclusão)

Perdemos a Guiana, de que a Inglaterra dispoz, sem sequer nos ouvir; tivemos uma somma de indemnizações inferior à que alcançou a mais insignificante potencia, e nem nos perdoaram as dividas da guerra, que foram saldadas aos aliados do norte.

A memoria d'estas injurias não se apagou entre os portuguezes; recolheram-na em seus peitos, excitando com ella seus bríos e esforço, até que em 1820 rompeu o grito revolucionario; foi um brado de indignação contra os inglezes; foi o estalar dos grilhões, que a nossa alliada nos lançára, e que nós despedaçámos.

Quando em 1823 as armas francezas ao mando da santa alliança vieram submeter a Hespanha ao pesado sceptro do ingrato rei Fernando, a Inglaterra viu com ciúme esta invasão. O ministro inglez esgotou todos os recursos da diplomacia, todas as insinuações da amizade, todo o vigor da logica para dissuadir a França d'aquelle projecto; até a mediação offereceu, e a mediação foi rejeitada. Acourt, separado dos embaixadores de todas as potencias, fez a côrte ao governo constitucional até aos ultimos dias da sua existencia; e vós sabeis, senhores, que cada passo de um embaixador vale o pensamento de um governo. A fortuna coroou os esforços liberticidas do governo francez, e a invasão de Hespanha ficou como um espinho no coração e na memoria da Inglaterra. Em Portugal a causa da liberdade teve a mesma sorte que a constituição de Cadiz; a França lucrou com isso alguma influencia nos conselhos do nosso rei. A Inglaterra meditou, pois, desde então uma desforra pelos acontecimentos de Hespanha, e um meio de segurar a sua influencia em Portugal. Eis-aqui a origem da carta; ella representa só um interesse dynastico, e a influencia ingleza nas suas pretensões de desagravo e predomínio: o que n'ella havia de real era a sinceridade do imperador, que a doou.

(O orador procurou sustentar que era este o verdadeiro espirito dos acontecimentos de 1823 a 1826, citando, entre outros argumentos, o que se passou na tribuna parlamentar em França e Inglaterra, e proseguiu:)

E que consequencias devemos nós tirar de todas estas confrontações historicas? Uma só humilhante, mas instructiva — que a França e a Inglaterra vem de continuo ao territorio da peninsula disputar e decidir as questões da sua rivalidade, que nossa fortuna e destinos são sempre sacrificados aos seus caprichos, e que para acabar esse fado ignominioso é indispensavel atravessar na estrada dos Pyrenéus a espada do Cid, e assestar na torre de Belem o canhão de Diu!

A expedição do general Clinton depois de alguns passeios militares viu consummar a usurpação, e, deixando-nos já nos pulsos as algemas da tyrannia, desapareceu das nossas terras. Agora o governo inglez exige que lhe entreguemos Goa em compensação das despesas feitas por aquella força em Portugal. Eu rogo aos srs. ministros, que, quando julgarem conveniente hajam de informar a camara se, com effeito,

ha algumas notas do governo inglez sobre tal exigencia...

(Os ministros dos negocios do reino e estrangeiros negam terminantemente, que exista alguma nota com referencia á entrega de Goa.)

Emquanto no cerco do Porto o poder constitucional não representava um governo estabelecido, mas as eventualidades de uma campanha, o governo inglez conservou sempre entre os dois partidos contendores uma politica dubia e calculada, e talvez uma penna imparcial não tarde a fazer revalações importantes sobre esta parte da historia das nossas relações com a Inglaterra.

Repete-se sempre que o partido constitucional recebeu grandes auxilios do governo inglez, e que elle fôra sempre infesto ao governo tyrannico do usurpador. Para não cansar a camara, abstenho-me de profundar a verdade d'estas observações; mas os titulos da Terceira aturdiram a Europa, e não podem deixar de ser considerados n'esta confrontação.

Agora, senhores, esse governo, cobrindo-se com uma idéa nobre e generosa, em que elle não crê, rebucando suas vistas mercantis em expressões de philanthropia, promovendo á sombra dos interesses da humanidade, o emprego de seus marujos, o exercicio de seus officias de mar, a extensão de seu commercio, e o consumo de suas manufacturas; agora esse governo inglez, recolhendo os votos sinceros feitos a favor da abolição do trafico da escravatura pela nação, a que é indigno de presidir, converte a moralidade do seu paiz em uma especulação vergonhosa, e levado d'estas sordidas vistas, e de offensas pessoasas, insulta, enxovalha e rasga como um insolente pirata a nossa heroica bandeira, a nossa bandeira, de baixo de cujo influxo se realisou primeiro o grande pensamento da civilisação africana; a nossa bandeira diante da qual se abriram os portos do Oriente; a nossa bandeira, que muitas vezes obrigou o pavilhão hollandez a servir de mortalha aos seus almirantes; a nossa bandeira, que ainda agora nos mares da China dá amparo e guarida aos contrabandistas inglezes; a nossa bandeira, que se tremulando nas pópas da forte esquadra que acompanhou a familia real ao Brazil para ahí apodrecer em suas enseadas, tivesse apparecido na batalha de Trafalgar, talvez com o formidavel enlace das quinas portuguezas e do leão iberico, teria sepultado no mar o cadaver de Nelson, e hoje não seria rota pelas cobardissimas balas do *Columbine*, nem teria beijado as aguas do oceano, em que até agora, por mal, ninguém a molhou, sem ellas estarem tintas com o sangue de seus inimigos!...

Por esta commemoração longa, verdadeira, mas dolorosa das nossas relações com a Inglaterra, conhece-se que, desde longo tempo, temos sacrificado a uma ficção de amizade nossos interesses, nossa prosperidade, nossos destinos, nossa historia, o sangue de nossos filhos, a fama de nossos capitães, o poder de nossas armas, e que o leão britannico tem abertas as garras sobre a nossa cabeça com mais avidez do que a aguia russiana olha para a triste Constantinopla. Ah! senhores, e para que nenhum principio generoso e santo fique sem gemer n'esta questão, até a religião de Christo, a religião de nos-

nos países, a religião de nossas victórias, a religião das nacionalidades se vê abatida e humilhada aos pés do falso propheta, vendo crescer nas terras onde impera a sua lei, mais patriotismo, mais virtude, e mais dignidade do que no paiz, querido filho de sua escolha, objecto de seus favores, e theatro de suas maravilhas. Sim, agora mesmo que o imperio de Selin II está jogado entre a ambição das potencias européas; agora mesmo que ellas disputam uma a uma a gloria de o aniquilar, no meio de tantas difficuldades, depois de tantos revezes, um joven turco cercado de conselheiros experimentados, emquanto seus inimigos machinam a sua ruina, trabalha assiduamente no plano de reformar o seu povo, plantando entre as pedras aridas do despotismo oriental a viçosa planta de liberdade do meio dia. E nós... e nós... Não posso acabar a confrontação!

No meio de nossa miseria possuímos um grande thesouro; é a Inglaterra que nol-o deu: a collecção de suas orgulhosas e insolentes notas. Legaremos a nossos filhos este livro precioso; e quando a sentença poetica do philosopho de Ferney se começar a cumprir contra Inglaterra, elles a tomarão nas mãos como bandeira de insurreição, e farão correr todo o nosso povo para ajudar a despedaçar o manto ensanguentado da Gran-Bretanha, que aos brados de vingança será repartido, n'esse dia de justiça, entre todas as nações, que ella tem opprimido. Então todo o povo portuguez irá cuspir sobre as lousas sepulchraes dos estadistas cobardes, que tiverem defendido mal a nossa dignidade, se antes d'isto alguma furtiva explosão de brio nacional, rompendo através de leis duras e de armas pretorianas, não as tiver despedaçado e coberto de terra!...

OS PRIMEIROS JORNAES LITTERARIOS

Victor Hugo, o genio mais glorioso da França contemporanea, o escriptor mais assombroso d'este seculo, disse algures — que o jornal havia de matar o livro.

Felizmente o vaticinio do grande escriptor ainda, até hoje, não se cumpriu. Todos os annos saem dos prelos milhares de livros, onde constantemente se vão photographando as manifestações da actividade humana, e onde os homens de letras, os sabios, os philosophos, os politicos, os industriaes, os artistas, emfim todos os que estudam e trabalham vão haurir os conhecimentos praticos, e onde os phantasistas e os ociosos vão buscar a recreação do espirito ou o esquecimento dos seus pezares.

O jornal todavia, se, por emquanto, na guerra temivel que fez ao livro, não tem conseguido derribal-o, tem no entanto attingido proporções assombrosas.

O seu numero cresce de dia para dia extraordinariamente, e myriades de folhas saídas quasi que vertiginosamente dos prelos inundam a cada momento as populações civilisadas, espalhando por sobre ellas o seu benefico influxo. A historia do jornalismo nas nações cultas bem o attesta.

Pela França, que sempre tem sido o foco da civilisação, podemos aferir as nossas comparações. A França possuía em 1789 perto de 60 jornaes; em 1791 contava 85, numero que nos annos subsequen-

tes foi diminuindo, pois que em 1792 houve ali apenas 65 folhas periodicas; em 1793, sómente 50, numero que desceu a 40 em 1794, e a 35 em 1796.

Em 1797 o numero de jornaes francezes elevou-se a 85, mas em 1798 saíram apenas 27, em 1799 publicavam-se só 26 jornaes, e apenas 17 em 1800. Pelo dominio de Napoleão I não se publicaram na França jornaes algus. Atacando o imperio, este supprimiu-os de vez. O consulado, pelo decreto de 17 de janeiro de 1800, reduziu os jornaes politicos ao numero de 13. Napoleão I era completamente desafeitado ao jornalismo. A politica d'esse tempo não se discutia. O unico jornal politico que então se publicava era o *Moniteur officiel*.

Para supprir esse estado de cousas creou se então o *folhetim*. Foi no *Journal des Débats*, fundado em 1799 por Bertin que pela vez primeira appareceu o folhetim. Napoleão havia defezo ao jornalismo as discussões politicas, mas os redactores, que comprehendiam que é impossivel a existencia de um jornal desde que elle não possa discutir livremente, inventaram o *folhetim*. O que lhes era interdito no corpo do jornal iria refugiar-se no *rez-do-chão* da mesma folha, assolapado, por entre os devaneios litterarios, mas levantando um pouco o véu ferozmente casto da politica imperial, o que fez popularisar extraordinariamente o *Journal des Débats*, e adquirir-lhe milhares de assignaturas.

Pela queda do poder napoleonico e restabelecimento dos Bourbons, epocha que na historia é conhecida pelo nome de *Restauração*, a liberdade, que por quinze annos havia estado soffocada, reapareceu fulgurante, e com ella uma alluviação de jornaes escriptos sobre todos os ramos de administração publica e sobre todos os assumptos. O governo reconheceu implicitamente a liberdade da imprensa na carta de Saint-Suen¹.

D'ahi em diante o numero de jornaes se multiplicou espantosamente na França, reflectindo esse acontecimento em todos os paizes europeus.

O jornalismo deve á França republicana a criação do jornal propriamente dito, isto é, do jornal diario — permitta-se-nos a redundancia. A palavra *journal* sempre foi empregada na França para designar a *folha periodica*, quer esta fosse diaria, semanal ou quinzenal. Portugal adoptou o gallicismo em 1808 (veiu-nos com a invasão franceza), sendo uma das primeiras folhas diarias que então se publicou intitulada *O Journal de Lisboa*. Depois adoptou-se com mais propriedade o vocabulo *Diario* para os periodicos ou gazetas que saiam quotidianamente.

De resto, á França é que se deve o jornal, esse instrumento de publicidade politico e noticioso que *jour au jour* põe os povos ao facto do occorrido vinte e quatro horas antes, não só na localidade onde elle se compõe e imprime, mas n'uma grande area de distancia.

Á Inglaterra cabe, porém, o plano da criação da *Revista*.

Este genero de litteratura, que occupa o termo medio entre o jornal e o livro, é devido ao genio in-

¹ Cidade nas margens do Senna. Foi no palacio real d'esta cidade que em 2 de maio de 1814 Luiz XVIII jurou as bases da constituição.

ventivo do celebre auctor do *Robinson Crusoe*. Condemnado pela rainha Anna Stuart a prisão perpetua, por ter tido a ousadia de escrever pamphletos incendiarios contra a igreja anglicana, Daniel Foé redigiu na sua prisão uns folhetos, a que poz o nome de *Review*, que pôde-se dizer-se foi a precursora da celebre *The Edinburgh Review*.

Na Revista de Foé, onde elle esmagou o nefasto reinado de Jacques II, collaboraram os espiritos mais brilhantes da Inglaterra, taes como Steel, Adinson Switz, etc. (1704-1713).

Portugal não tem sido das nações que menos temido na vanguarda d'esta cruzada nas guerras incruentas da civilisação contra o obscurantismo e o poder tyrannico dos despotas e absolutos.

Em 1625 já Portugal publicava folhas periodicas — ás quaes então se dava o nome de *papeis avulsos ou relações*.

Pela restauração do throno, em 1640, começaram a sair as celebres gazetas que deram origem aos *Mercurios* de Antonio de Sousa de Macedo, o infeliz ministro d'el-rei D. Afonso VI. A famosa *Gazeta de Lisboa*, de Monterroyo e outros auctores, que atravessou sob diversas phases e vicissitudes o largo periodo de cento e dezoito annos, era apenas folha noticiosa de factos dimanados do governo.

Esta velha absoluta, cujas folhas de proporções exiguas, de mau papel almaso, e impressas em typo grosseiro, tresandavam ao beaterio dos tempos do senhor D. João V, ao jesuitismo do reinado de D. Maria I e ao absolutismo de força e cacete dos senhores D. João VI e D. Miguel, foi derribada ao som do canhão victorioso que em 24 de julho de 1833 saudava a entrada das tropas liberaes na capital.

Nem essa pobre *Gazeta*, nem o *Mercurio Portuguez*, que appareceu em 1663, nem o *Expresso na Corte*, que saiu em 1740, tinham pretensões a folhas litterarias. Limitavam-se a dar as noticias officiaes do reino, algumas dos paizes estrangeiros, e um ou outro annuncio de alguma publicação litteraria posta á venda, e nada mais.

(Continúa)

SILVA PEREIRA.

BIBLIOGRAPHIA

Do sr. Rego Lima, engenheiro de minas, um dos mais estudiosos espiritos que conhecemos e que nos traz á memoria o perfil sympathico do seu estremitado irmão e nosso saudoso amigo Carlos do Rego Lima, um mallogrado moço tão cheio de mocidade e de talento, recebemos dois folhetos um, sobre a industria siderurgica em Portugal, outro sobre as rochas portuguezas, intitulado *Tentativas micrographicas*.

Não temos competencia especial para fallar d'este ultimo, mas quer-nos parecer que ha de ser feito com a consciencia e com a seriedade que caracterisam este modesto mas indefesso trabalhador; do primeiro, mais ao alcance das nossas luzes geraes, diremos que, na conjunctura angustiosa e talvez decisiva que este paiz atravessa, representa o melhor tributo que um verdadeiro patriota lhe pôde pagar.

Esse trabalho, de curtas dimensões na apparencia, encerra um precioso germen de riqueza creadora e

fecundante, e na sua forma despretençiosa e singela põe a claro um fundo de saber, um manancial de indicações, que só por si poderiam representar uma das fontes do nosso renascimento nacional.

Sem falsos alardes, sem enganosas miragens, o sr. Rego Lima deixa-nos sentir onde está um dos veios, talvez o mais caudaloso da nossa futura reconstituição social, e sem sair do solo de onde todos somos filhos e a que estamos vinculados por tantos e tão indissoluveis liames, mostra-nos como é que poderemos remontar alto — até á altura onde todos nos vejamos.

É com effeito, extrahindo d'esse mesmo solo os thesouros que n'elle se escondem, e valorisando-os praticamente pelo trabalho intelligente e esclarecido, que nós poderemos emergir da funda decadencia em que ainda estamos n'alguns pontos e para que nos dirigimos n'outros, e vingar-nos do desprezo com que mais fortes nos tratem, e das afrontas que mais poderosos nos inflinjam.

No cumprimento persistente e obscuro do nosso dever de homens esta é a mais bella forma de mostrar que vivemos e que somos ainda alguem, e as contribuições de estudo e de sciencia do genero das que o sr. Rego Lima oferece á terra em que viu a luz são as que mais podem concorrer para o nosso desforço.

Que os homens que têm o capital-dinheiro comprehendam a importancia do filão que lhes pateia este investigador que só tem o seu capital-estudo, e procurem o modo de fazer realidade esse alvitre que por ora paira no mundo das idéas, e uma industria nova surgirá do chão portuguez e poderá dentro de pouco bracejar frondosa e desatar-se em fructos de um valor positivo.

Diz Thénard que se pôde ajuizar da civilisação de um povo pelo grau de adiantamento em que n'esse povo estiver a industria do ferro.

Façamos que, fallando-se de nós, alguém possa dizer mais tarde que somos um povo adiantado, e tornemos possivel a forma de o sermos, creando no paiz essa industria mãe.

O distincto auctor do livro: *Algumas palavras sobre as condições de adaptação da industria siderurgica em Portugal* prova com elementos de toda a ordem: elementos scientificos, elementos praticos, elementos financeiros, a conveniencia, mais do que isso, a necessidade de o fazermos, e do seu trabalho sae-se com a convicção profunda de que nada será mais facil, por um conjuncto de motivos de natureza economica, de natureza social e até de natureza politica; resta que, aquelles que podem ajuizar da importancia das suas considerações, não deixem perder-se um tão valioso e tão patriótico alvitre.

Será esta a melhor forma de mostrarem a sua solidariedade de portuguezes, e o seu amor de patriotas.

AFFONSO VARGAS.

A civilisação de uma nação não se afere pelo seu luxo, mas sim pela sua illustração intellectual, pela sua perfeição industrial, e pelo justo conhecimento dos direitos do homem e do cidadão.

MORAES CARVALHO, *Aphorismos*.